

DESCONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA- LITERÁRIA DE NARRATIVAS DE RACHEL DE QUEIROZ: UMA RODA VIVA DE DESMONTAGEM PARA FUGIR DO APRISIONAMENTO

ELISABETH SILVA DE ALMEIDA AMORIM

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, bolsista CAPES, Orientada pelo professor Dr. Roberto Henrique Seidel, e-mail mrs. bamorim@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar a desmontagem linguística-literária presente nos discursos de Rachel de Queiroz, a partir de entrevista ao programa Roda Viva (1991), associando-a com narrativas de estudantes de Educação Básica. Através de uma perspectiva desconstrutivista (Derrida, 2014), pelo viés da intersemiótica (Barthes, 2001; 2004) e com apoio da Crítica Cultural (Seidel, 2017; Santos, 2016) trilharei pelos caminhos dos estudos autobiográficos e de gênero (Moreira, 2010; Pereira, 2018). Espero que o artigo contribua para o fortalecimento da desmontagem do linguístico-literário, promova uma reflexão sobre os dispositivos de poder da linguagem como táticas de silenciamento da mulher e as linhas de fugas para evitar a captura do autor-deus e do academicismo.

Palavras-chave: Rachel de Queiroz, Narrativas de si, Desconstrução linguística-literária, Educação Básica.

INTRODUÇÃO

Não tenho prazer em escrever, escrevo porque é o que somente sei fazer.

(Rachel de Queiroz, Roda Viva, 1991)

Pereço licença aos leitores que chegaram até este texto, escrito inicialmente para atender a disciplina Laboratório de Crítica Cultural VI: Memória, Identidade e Narrativas de si, no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, UNEB, ministrada pelas professoras doutoras Jailma Moreira e Áurea Pereira. Com adaptações, usarei uma escrita livre, que, em algumas situações escapará dos aprisionamentos academicistas e transitará através de uma escrita criativa, sem, no entanto, fugir do estruturalismo das regras propostas pela ABNT. Por isso, proponho um diálogo com uma mulher escritora que é um fenômeno na escrita literária, ganhadora de vários prêmios, primeira a entrar na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1977, porém, insistiu em dizer que não encontrava prazer na escrita e não gostava de nada que escreveu, por isso evitava a leitura do que havia escrito, para não apontar as falhas... Só poderia ser a incomparável Rachel de Queiroz.

Rachel de Queiroz (1910-2003), escritora cearense, choca a bancada masculina do Programa Roda Viva (1991), promovido pela TV Cultura, com o seu poder de articulação e desmontagem do discurso linguístico-literário. E quando o assunto se volta para a sua obra prima, o romance *O quinze* (1930), publicado aos vinte anos de idade, a escritora surpreendeu aos entrevistadores, ao declarar insatisfeita com o resultado do romance, e esperava encontrar a inspiração para escrever uma grande obra literária. Rachel de Queiroz, assim como muitas mulheres nordestinas que ousam escrever ou estudar, vivia num entrelugar, lembrando que essa opção é um local de guerrilha, de enfrentamento e de transgressão.

Falar de transgressão é trazer para o bojo da pesquisa o filósofo francês Jacques Derrida (2014), quando aponta a desconstrução como algo prazeroso, por isso a literatura precisa dialogar com outras produções artísticas e culturais para continuar sobrevivendo. Fato visto nas narrativas de Rachel de Queiroz durante a entrevista no Programa Roda Viva (1991), como celebração dos 80 anos da escritora homenageada. Para Seidel (2017, p. 8) é preciso que se invista, não apenas na leitura, mas na desleitura, pensando na leitura decolonial, porque “esse tipo de leitura, interpretação e compreensão tentam nos ensinar como reler, desler dando novos sentidos aos textos...” Uma

tática bem utilizada na educação básica, através de estudantes de Ensino Médio para apropriação do texto literário.

Rachel de Queiroz influenciou toda uma geração de escritoras, através da sua escrita forte, desde cedo chamou a atenção pela capacidade de transgredir. Assim, na seção Metodologia a abordagem fica por conta da desmontagem linguística-literária em busca da autoria, na qual mostrará o diálogo entre a escrita de Rachel de Queiroz e as produções da Educação Básica, a partir da leitura de “O quinze”. A escritora Rachel de Queiroz nos ensinou a desmontar, invadir, romper as estruturas, para afirmar que, enquanto existir escrita transgressora, as prisões serão inúteis, porque mulheres, como ela, escapam pelas brechas, pelas páginas escritas e até pelos discursos na ponta da língua.

E partindo do pressuposto da desconstrução literária, irei discorrer na segunda seção, os resultados da pesquisa e a discussão teórica das narrativas da escritora. Atentarei para o dito e o não dito de Rachel de Queiroz nas entrevistas, principalmente no programa Roda Viva, onde o discurso e o contradiscurso servem para fundamentar este texto, já que as armadilhas das perguntas e as linhas de fugas utilizadas para escapar dos aprisionamentos das respostas, farão parte das discussões.

Infelizmente, no Ensino Médio, a literatura modernista de Rachel de Queiroz é pouco explorada no livro didático, as discussões se concentram no primeiro livro da autora, como uma escrita de mulher que se destacou através de um romance regionalista O quinze (1930), por fugir dos estereótipos de “escrita de mulher”. Entretanto, no Programa Roda Viva a escritora revelou uma outra face que os manuais didáticos não conseguem capturar: uma senhora perspicaz com um raciocínio rápido, que não se intimidou diante de uma plateia predominantemente, masculina. Jornalistas, escritores e críticos literários foram surpreendidos com as narrativas de si de uma escritora que não sentia lisonjeada em ser o foco das atenções, e não escondeu o desprazer de ser entrevistada, como se estivesse numa berlinda respondendo perguntas já feitas em outras ocasiões, sentimento externado: “O quinze me acompanha há sessenta anos... Vocês não se cansam de fazer as mesmas perguntas?” (Queiroz, Roda Viva, 1991).

A metodologia da desmontagem do linguístico-literário se faz presente em toda entrevista, uma desconstrução que mostra que o autor é linguagem, e está nas brechas, nas entrelinhas dos discursos, como mostrarei a seguir.

METODOLOGIA

...texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura (BARTHES, 2004, p. 62)

Qual a leitura que promovemos nos espaços da sala de aula? É muito comum questão como essa nas pesquisas relacionadas ao ensino e leitura do texto literário na sala de aula. Acredito que questionar só não basta, indignar-se com as respostas também não gera solução, mas desmontar toda estrutura, promover novas formas de leitura, interpretação e reflexão podem modificar práticas pedagógicas engessadas. Os anos de docência na educação básica, mais especificamente no Ensino Médio, contribuíram bastante para colocar em xeque procedimentos metodológicos que não surtiam efeitos nas práticas de leituras. E foi preciso investir na desmontagem para fluidez da escrita criativa.

O caminho da desmontagem foi inevitável, estudantes do Ensino Médio, diante do cenário atual das escolas, não se sentem atraídos com a leitura literária, mesmo porque o mundo tecnológico é mais convidativo, e textos curtos e imagéticos chamam mais a atenção dos estudantes adolescentes. A solução encontrada para diminuir a distância entre leitor e texto foi promover o gozo através das oficinas literárias de desmontes. Prazer descrito por Derrida (2014),

A experiência de “desconstrução”, de questionamento, de leitura ou de escritura “desconstrutora” de nenhuma forma ameaça ou lança suspeita sobre o *enjoyment*. Acredito justamente o contrário. Sempre que há “gozo”... há “desconstrução”. Desconstrução efetiva. A desconstrução talvez tenha como efeito, senão como missão, liberar o gozo proibido. (DERRIDA, 2014, p. 84-85)

É imprescindível promover a desconstrução, desmontar as estruturas engessadas pela tradição, reabrir os manuais pedagógicos e começar a desleitura. O importante é promover um grande rumor da língua para que nossos alunos se sintam tocados pela literatura e participem conosco da leitura, interpretação, discussão e desmontagem do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz (1930). Um fragmento do cordel “Mulheres arreata-das”, produção estudantil, 2017, amplamente divulgada nas redes sociais e eventos culturais, é apresentado como fruto das oficinas de desmontagem do literário sobre as produções de escritoras nordestinas, como Rachel de Queiroz, por exemplo:

(...)

Da nordestina eu me orgulho/ Dessa eu gosto de falar/Tem força de um touro/ E a leveza de um sabiá/ Quando eu quero um chamego/ Com seu jeitinho tão meigo/ Não me deixa aperrear. (...)

A força dessas guerreiras/ A gente não pode negar/ Sendo Rachel de Queiroz a primeira mulher/ Na Academia de Letras entrar/ Com toda sua glória/ Foi marco na história/ Que muitas puderam admirar. (...)

Que me desculpem as estrangeiras/ não quero menosprezar/ Mas as mulheres nordestinas são top/ Sabem mesmo arrasar/Eita mulheres arretadas!/ De Rachel de Queiroz a Maria Bonita/ Dessa região tão rica/ Só jóia rara para mostrar. (Estudantes do 3o. BM, 2017, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RJYcCzmNQCE>, acesso em 4 de dezembro de 2021)

Não é simples promover leituras nos espaços escolares com bibliotecas inativas, laboratórios de informática também desativados, e cabe ao professor, geralmente de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, a árdua tarefa de atrair leitores, com ações pedagógicas complementares ao livro didático. É preciso transgredir todo e qualquer discurso alienante, mudando a ordem, criar linhas de fuga para não se deixar aprisionar. E estudantes conseguem extrair do livro didático informações importantes, e juntá-las em cordel para mostrar em vários sites, redes sociais o quanto aprendeu sobre a escritora Rachel de Queiroz. E através de um título sugestivo “Mulheres arretadas” as correntes vão sendo desfeitas, pelo menos nas oficinas de leitura e desmontagem do literário.

Amorim (2016), aborda sobre a desmontagem como uma tática inventiva necessária para melhorar as práticas de leituras de seus alunos, tática esta que surgiu de uma vontade de atraí-los para literatura.

Vontade é querer, sonhar com o objeto de desejo. Neste caso, a vontade maior de um pequeno grupo era escapar das propostas pedagógicas, tornando o livro didático um objeto rejeitável. Dessa vontade, criaram táticas inventivas para melhorar as estratégias de leituras, já que os textos sugeridos eram apontados como “aborrecidos e sem graça”. As oficinas intensificaram o envolvimento dos estudantes, bem como a riqueza do material didático construído... (AMORIM, 2016, p. 66)

Estudar Rachel de Queiroz não é uma tarefa fácil por ser uma escritora plural, mas partiu de uma vontade, de um querer uma escritora revolucionária, que não aceitou o proposto, mas modificou a ordem do discurso. Por outro lado, a proposta do livro didático de língua portuguesa do 3o. ano de Ensino Médio, estampava “Literatura de 30” como conteúdo programático. E nessa “Literatura de 30” permeada de escritores, ela! Uma mulher que rompia a barreira de proteção e invadiu a Academia Brasileira de Letras, acumulou vários prêmios e escreveu sobre a seca com tamanha dureza que assustou muitos escritores. Sem grandes opções de recursos didáticos e tecnológicos na sala de aula, realizamos oficinas de leitura e assistimos ao filme *O Quinze*, dirigido por Jurandir Oliveira (2004). Assim, as narrativas vão além do escrito, unem-se aos rascunhos si protagonizados por estudantes e, em diferentes séries discursivas, os textos invadem corredores, muros, sites, congressos e revistas literárias.

Outra ação metodológica se deu através do “Pintando a literatura” como forma de transvalorar o signo. O pintar além do colorir, mas também descolorir, escrever e descrever para *desescrever* a literatura com auxílio de outras ciências: arte, política, semiologia e a linguística. A desmontagem da literatura é uma ação política. Cansada de ouvir que estudantes do Ensino Médio não leem nada, comecei a desmontar o “nada” e propagar o “tudo” que os alunos faziam com a literatura.

Barthes (2004, p. 94) ao observar um grupo de crianças chinesas lendo poesias diferentes em voz alta, ficou encantado com os rumores que elas produziam e para ele, “rumor é o barulho daquilo que está funcionando bem”. Confesso, as desmontagens funcionam muito bem, apesar de rumores externos por conta da “bagunça” nas oficinas literárias. As leituras cantadas, as encenações, recitais entre outros recursos metodológicos utilizados para atrair o leitor para o texto, vistos à distância, ganham conotações diferentes.

Onde fica a autoria no resultado da desconstrução da literatura? *O quinze* (1930), sem dúvida, é de Rachel de Queiroz. *O quinze* em quadrinhos tem a ver com a criatividade de Shiko. O filme *O quinze* é arte do roteirista e diretor Jurandir Oliveira com inferências da própria Rachel de Queiroz. É a obra *O quinze* e as suas adaptações semióticas fazendo girar saberes. Com a desconstrução do romance, o signo passa de uma série discursiva para outra, e os estudantes saem da literatura passando pela carta, charge, cartaz, anúncio entre outros, mas retornam à literatura com a temática do romance em discussão nas respectivas produções.

Ainda Barthes (2004), declarou a morte do autor para que o leitor possa reinar, e estamos vivenciando a era do nascimento do leitor, um leitor ativo que não aceita o lugar da passividade, quer inferir, escrever e desfazer. Como Barthes diz, é preciso ler e interromper, levantar a cabeça, não por desinteresse, mas por prazer, excitação, vontade de escrever a leitura,

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxos de ideias, excitações e associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?

É essa leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre, que tentei escrever. Para escrevê-la, para que a minha leitura se torne por sua vez objeto de uma nova leitura. (BARTHES, 2004, p.26)

É impressionante como os argumentos de Barthes (2004) conseguem traduzir essa proposta, onde “A leitura se torne objeto de uma nova leitura”. E cada vez mais o leitor-autor entra em cena e modifica o cenário, buscando os próprios caminhos da leitura e da desleitura. Para Barthes (2004), o sujeito é falado pela linguagem, na mesma direção Foucault (1992), confirma que a escrita é livre, e a função do autor não é universal, mas móvel, podendo ser encontrado nas brechas dos textos.

Se é nas brechas dos textos que o autor se esconde e se faz presente, é também desse local de (des)conforto que o leitor-autor se apropria e passa a dar sentido ao texto. Porque toda e qualquer desconstrução passa pelo viés do significado e significante. Enfim, o texto precisa dizer algo significativo para o leitor, depois que os diálogos acontecem, eis a desmontagem da literatura!

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Retomar a retomada que Rachel faz da sua vida em tantos anos é estar atenta a isso: a esse sujeito insubordinado e subordinado que se esboça; esse sujeito Rachel que é escritor e personagem ao mesmo tempo; esse sujeito diverso, múltiplo, contraditório e sempre em via de fazer-se e refazer-se. (MOREIRA, 2010, p. 84)

A professora Dra. Jailma Moreira(2010) foi feliz em apontar Rachel de Queiroz como um “sujeito insubordinado e subordinado que se esboça” de tantas formas, seja escritor, personagem, político, aliás, um ser múltiplo e ao

mesmo tempo contraditório. Talvez, por conta das contradições que fazem parte das suas narrativas, Rachel de Queiroz nunca se deixou aprisionar, seja na vida pessoal ou profissional, quando não estava satisfeita, saía de cena para brilhar em outro palco. Começou muito cedo, escrevendo crônicas para jornais cearenses, assumindo posicionamento político em defesa de alunas vítimas de autoritarismo de um gestor e a publicação do primeiro romance aos 20 anos de idade.

O ensaio de Moreira (2010) traz as narrativas de Rachel de Queiroz tomando como o corpus da pesquisa o livro autobiográfico *Tantos anos*, publicado em 1998 em parceria com a irmã Maria Luiza. Rachel de Queiroz foge de toda uma tradição, escreveu um livro de memórias às vésperas dos 90 anos na condição da irmã ajudá-la, e respeitar os seus silêncios. A partir dessa informação já se percebe a irreverência de uma mulher escritora que não aceita ser capturada pelos modelos estruturais de livros autobiográficos.

No entanto, o livro *O quinze* (1930) em consonância com o filme homônimo dirigido por Jurandir Oliveira (2004), traz a saga de nordestinos do Ceará que sofrem a pior estiagem da história em 1915. Com base em narrativas orais resgatadas da infância, Rachel de Queiroz retoma o tema com toda a dureza vivenciada por alguns conhecidos da família, uma escrita árida que chamou a atenção da crítica literária acerca da autoria do romance.

Conceição, Cordulina, D. Inácia (Mãe Nácia), D. Maroca são personagens femininas que marcam o cenário seco pelas atitudes tomadas diante dos obstáculos. É era comum a crítica atribuir características das personagens à autora. Conceição, por exemplo, uma professora com traços liberais, por não pensar em se casar e exercer trabalhos voluntários, é alvo de especulação de marcas autorais, porque ambas cultivavam hábitos que iam na contra-mão dos costumes atribuídos às mulheres do início do século XX, como as viagens frequentes. Cordulina, uma mulher sofrida, casada com o vaqueiro Chico Bento, durante a fuga por conta da seca, perde os três filhos de diferentes formas: morte por envenenamento, desaparecimento e adoção. D. Inácia representa uma mulher de fé, faz promessas para São José em prol da chuva na região. D. Maroca é a imagem do desespero, autoriza o vaqueiro Chico Bento abrir as porteiras para que os animais buscassem os próprios alimentos num cenário desolador. Cada mulher do romance *O quinze* traz as marcas de gênero impregnadas na pele, nas narrativas e nas tomadas de decisões.

Não se casar diz muito para uma época em que a mulher era treinada para o lar, no entanto, Conceição, rompe esse discurso, aos 22 anos não se

incomodava com os comentários da sua avó Mãe Nácia, de certa forma, os pensamentos da avó representavam valores culturais de uma sociedade do início do século XX. Uma moça após os 20 anos era considerada solteirona, um rótulo que as mães e avós não queriam para suas filhas e netas. Este pensamento é muito bem representado no livro *O quinze* dessa forma:

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona. Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casava era um aleijão... (QUEIROZ, 1930, p. 6)

Rachel de Queiroz rompe a tradição e transita num entrelugar, porque ela sempre se colocou disposta à guerrilha, posiciona-se num lugar de desconstrução. Enquanto as moças eram treinadas para o espaço doméstico, Rachel viajava frequentemente do Rio de Janeiro/Ceará para a fazenda da família em Quixadá. Casou-se muito nova, mas poucos anos depois se separou, para no ano seguinte casar-se novamente, e quebra mais este paradigma.

O romance opera em dois cenários opostos, mas paradoxalmente, se complementam: o particular e o coletivo. No primeiro, temos as famílias ligadas pelos laços de amizades, parentescos e afilhadagem. Em situações semelhantes estão Conceição e Vicente que são primos e compadres da família de Chico Bento. Ela é moça estudiosa com hábitos urbanos, ele é um rapaz rural, administrador da fazenda da família. No segundo cenário estão as vítimas da seca, famílias desoladas, perdendo seus filhos para a fome, como a família de Chico Bento, na condição de retirante, a sua esposa D. Cordulina entre outros parceiros de infortúnios, expulsos da terra por conta da seca e fome.

As personagens criadas por Rachel de Queiroz (1930), são determinadas em suas crenças religiosas ou políticas. De um lado temos Mãe Nácia que acredita no poder das orações, do outro lado, Conceição defensora dos direitos dos retirantes, atua para ajudá-los. Empoderadas e engajadas para solucionar os problemas decorrentes da seca, as mulheres narradas por Rachel de Queiroz fazem a diferença pelo ativismo num espaço atípico. Santos (2016) defende que para salvar o mundo o pobre precisa ser ativo, o seu ativismo servirá como arma contra o conformismo e a luta armada, isso porque,

Se os pobres salvarão o mundo, conforme Jean-Luc Godard, aqui neste livro estamos mostrando que isso só será possível

se suas armas consistirem num ativismo situado entre a luta armada e o conformismo. Ou seja, nem luta armada nem conformismo lambe-botas, pois, se a luta armada investe, necessariamente, na destruição da vida, o conformismo anula o ser e sua potência de resistir e de criar. Uma conexão ativa dos pobres do mundo não tem. (SANTOS, 2016, p. 54-55)

Assim como suas personagens fortes e ativas, a escritora Rachel de Queiroz apresenta-se uma mulher firme em seus posicionamentos pessoais ou políticos. Por sinal, a vida política dela foi bem intensa, desde a ajuda no golpe militar de 1964 a implantação do comunismo em Fortaleza (Ceará). Contraditória, com a mesma intensidade da filiação, desfilia-se quando discorda de algumas ações do partido. Além do seu tempo, Rachel teve acesso aos livros muito cedo por influência da mãe, aos 17 anos escrevia para o Jornal Ceará, aos 19 inicia a escrita do seu primeiro romance, responsável pela fama e o Prêmio Fundação Graça Aranha.

Pereira (2018) ao realizar pesquisa autobiográfica com cinco mulheres idosas na comunidade quilombola de Saquinho que participavam do programa TOPA, revela o quanto elas são produtivas socialmente e comprometidas com o ensino-aprendizagem. Um ativismo também visto nas personagens femininas criadas por Rachel de Queiroz. Isso porque,

Todas as atividades desempenhadas pelas mulheres trazem no seu bojo densos significados sociais, culturais de força e poder. Desse modo, as práticas sociais e culturais dessas mulheres podem fazer delas independentes, empoderadas e líderes. Seus poderes são invisíveis para os homens, porém, quando se faz necessário, elas exercem a liderança na família, associações comunitárias, festas e reuniões da igreja. (PEREIRA, 2018, p. 80)

Essa liderança apontada por Pereira(2018) nas mulheres da comunidade de Saquinho, emana nas personagens como Conceição quando opta desenvolver trabalhos sociais no Campo de Concentração, local usado para ajudar as vítimas da seca, sem firmar laços matrimoniais com ninguém e D. Cordulina para não ver o único filho que restara passar fome o entrega para Conceição, madrinha da criança.

A escritora nordestina imortal, sorriso fácil, em entrevista diz ser uma pessoa triste, o sorriso constante era uma espécie de camuflagem. O entre-lugar escolhido pela autora como local de fala, um lugar contraditório, porém de afirmação identitária, dona de uma literatura engajada, mesmo negando o

engajamento. Silviano Santiago ao ser entrevistado pela Palimpsesto (2019), falou da importância da literatura ser vista como parte da cultura, para que os princípios estéticos por mais radicais que sejam deve harmonizar com os valores culturais, afinal, a “literatura é e não é”, parodiando Santiago, será que Rachel de Queiroz é a escritora que é e não é? Sem dúvida o lugar escolhido por Rachel de Queiroz é o da ruptura, às vezes do silenciamento, mas também do grito, acima de tudo. Falar de Rachel de Queiroz é lidar com as afirmações e negativas de uma escritora. Isso porque,

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 1996, p. 9)

Sem dúvidas há uma *interdição* bem maior aos discursos de mulheres escritoras, com Rachel de Queiroz não é diferente. É preciso romper as barreiras e marcar presença, afirmar identidade, demarcando o local de fala para ser ouvida e respeitada. E a interdição aparece na entrevista com Rachel de Queiroz ao programa Roda Viva, pelo canal da TV Cultura de São Paulo e transmitido através das afiliadas nos diversos estados brasileiros.

Em Roda Viva (1991) o jornalista e escritor Gilberto Mansur ao informar Rachel de Queiroz, uma senhora de 80 anos, que iria tratá-la por “você”, obteve a resposta: “- Todo mundo do seu meio me chama de você, ninguém me chama de doutora, nem senhora”. Uma resposta que aponta o lugar de fala da escritora, como se o “você” não causasse mais estranheza, porque “todo mundo do seu meio” não usava outro pronome de tratamento ao se referir a escritora Rachel de Queiroz, mesmo com a idade já avançada.

A escritora faz questão de mostrar a sua irreverência discursiva diante de um grupo de jornalistas, quase 100% homens. Uma pergunta que traz uma pitada de ironia e conotação sexual, dificilmente seria destinada a um homem, vem do jornalista Jayme Martins ao questioná-la sobre os “amores ardentes”, além do amor de Rachel de Queiroz pelo esposo. A escritora sem titubear respondeu que gostava do ser humano, gostava de gente, do Brasil, Ceará e de Quixadá, estes seriam seus verdadeiros amores ardentes. É impressionante a sagacidade de Rachel de Queiroz diante de cada pergunta feita pelos jornalistas. Ela vai desconstruindo cada discurso pronto para prendê-la nas artimanhas da língua. De igual modo, o escritor Caio Fernando Abreu ao questioná-la sobre o porquê dos posicionamentos

políticos sofrerem mudanças bruscas, sendo que em determinado período da história a escritora era vista como comunista e em outro reacionária, ao pedi-la para se posicionar em qual dos dois lados ela estava. Rachel responde: “Não sou comunista nem reacionária, mas anarquista, uma doce anarquista”. Mais uma vez, a resposta não agrada o entrevistador, que não esconde o desconforto diante do “doce anarquista”.

Sarlo (2007) afirma que devido a memória e a história o passado é conflituoso, porque há sempre “algo inabordável”. Talvez, por conta dessas lembranças soberanas e incontroláveis, a escritora Rachel de Queiroz se nega a penetrar no caminho apresentado pelos jornalistas, ao ser questionada sobre a falta de um livro de memórias, tipo “O poder e eu”, ela diz desconhecer esse livro, mas a pressão sofrida pela família e editora era grande, mas não tinha interesse, porque “na ficção a gente já se revela”. Claro, a pressão foi mais forte, sete anos após a entrevista no Roda Viva ela publicou o autobiográfico “Tantos anos” (1998), em parceria com sua irmã.

Ainda Moreira (2010), afirma que Rachel é “sujeito e personagem ao mesmo tempo”, um sujeito totalmente “insubordinado” que, na sua escrita forte, não se deixa aprisionar, nem usa “penduricalhos” para denunciar que é a escrita feminina. Através do programa Roda Viva (1991) os discursos e os contradiscursos deixam claro, que a entrevistada, apesar da idade avançada, revela-se uma senhora bem além do seu tempo, escapa constantemente das perguntas embaraçosas, sem, no entanto, deixar de respondê-las. Ela, como disse Moreira (2010), ajuda-nos a repensar a nossa própria narrativa, o que pretendemos mostrar ou ocultar para os outros, E com muita classe, Rachel desmonta toda a bancada de jornalistas, críticos e escritores quando tentam mostrar as incoerências das entrevistas dadas ao longo da sua trajetória, ela responde em tom brincalhão: “-Pergunte ao Shakespeare, porque inconsistência seu nome é mulher.”

Sarlo (2007) também argumenta que nem sempre essa captura do presente retornando ao passado é uma ação libertadora, há temas escorregadios. Mas é preciso de um olhar crítico para o passado, porque é de lá que provém os relatos. E com Rachel de Queiroz não é diferente, ao ser questionada sobre o apoio dado aos militares na revolução de 1964, a sua experiência na prisão em 1937, e o posicionamento político atual, a resposta não agradou: “Prendiam a gente de vez em quando por lá”. Com estas respostas, ela de forma inteligente, minimiza a dor de ser presa política e relata fatos ocorridos: “Fiquei no corpo de bombeiro, era paparicada, teve até

serenatas, foi como um período de férias...” Mais uma tática usada para fugir do aprisionamento.

Tudo para Rachel foi muito intenso e rápido, o sucesso veio no primeiro livro, a fama também. Apesar de declarar não engajada, tinha uma relação muito próxima com o Presidente da República, Castelo Branco. Buscar as narrativas de Rachel a partir da entrevista no Roda Viva é se preparar para conhecer uma escritora inteligente, com raciocínio rápido e com um alto senso de humor. Ao tentar extrair da escritora uma confissão de arrependimento das ações políticas do passado, ela declara que o arrependimento “foi de ter nascido”. Acho que faltou pouco para ela completar a frase com o signo “mulher”.

Se a primeira estratégia de confissão falhou, a segunda foi ainda mais desastrosa. A proposta da mesa foi que a escritora sugerisse uma pergunta com resposta. Ela sorrindo diz: “Rachel, gostaria de sair daqui agora?” Mesmo constrangidos, os entrevistadores cobram a resposta. Ela, ainda sorrindo, respondeu: “-SIM!” O “sim” de Rachel sugere múltiplos sentidos: eu quero sair daqui; não estou gostando da condução da entrevista; não estou feliz com esta homenagem; não quero falar de ações políticas do passado, entre outros. Uma multiplicidade de sentidos como a sua literatura que foi levada para sala de aula através do romance, história em quadrinhos e filme. Rachel de Queiroz desconstruiu, através da linguagem, toda estrutura montada para entrevistá-la, de igual modo, os estudantes fazem o mesmo nas oficinas de leituras literárias. Não se deixam capturar pelos fragmentos dos manuais didáticos, vão além do escrito e com as desconstruções apontam outros caminhos possíveis e inventivos do cotidiano literário.

“Olhar Literário Nordestino”, evento cultural organizado numa escola pública, interior da Bahia, especialmente para atender estudantes do Ensino Médio, leitores de Rachel de Queiroz, com o objetivo de multiplicar os olhares para o literário e refletir acerca das produções literárias da região Nordeste, principalmente, as narrativas escritas por mulheres. Um momento ímpar no qual os estudantes munidos de textos autorais, socializam em diferentes gêneros discursivos para toda a comunidade escolar os resultados das leituras realizadas.

E neste cotidiano de táticas, invenções, criatividade e muitas desmontagens literárias, O quinze, de Rachel de Queiroz (1930) muito contribuiu para o esvaziamento dos signos, os novos modos de criação e combate de dispositivos de poder. Os fragmentos do romance que aparecem no livro didático servem de incentivo à leitura para busca do todo. Por isso, ao optar

pela literatura e outras artes estamos contribuindo com a formação do leitor e investindo na sua transformação. A escrita de Rachel de Queiroz abriu um leque para reflexão sobre o dito e o não dito acerca da escrita de autoria feminina. As interdições, os silenciamentos, as insinuações presentes nas perguntas ambíguas, contrapondo-se com as narrativas de si, marcaram a trajetória de Rachel de Queiroz, uma mulher que viveu muito e além do seu tempo.

Afinal, como defende Derrida (2014), a estranha instituição chamada literatura precisa dialogar com outras produções artísticas e culturais para continuar existindo e resistindo. A produção de Rachel de Queiroz precisou ser forte para se destacar na década de 30, cenário desfavorável à mulher escritora, e chegar ao século XXI com direito a uma página do livro didático. Mas, página que espalhamos devido a força de uma escritora nordestina que inspirou outras “mulheres arretadas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler, interpretar, compreender textos e compreender melhor a si, aos outros e ao mundo à sua volta. E não: interpretar para dominar; para impor uma versão do passado; para legitimar uma determinada versão da história, dos fatos, do mundo. Hoje falamos muito _ especialmente na teoria literária, mas também em outras áreas das humanidades _ em leitura decolonial ou leitura descolonizadora. Esse tipo de leitura, interpretação e compreensão tentam nos ensinar como reler, desler, dando novos sentidos aos textos do passado, texto que muitas vezes nos tentavam convencer de que o mundo teria que ser como nos era mostrado. (SEIDEL, 2017, p 5)

É preciso dar novos sentidos aos textos lidos, porque não cabe mais um significado transcendental, mas desconstruir, como diz Seidel (2017) “desler” para combater as estruturas fixas e surpreender. Assim, como Rachel de Queiroz fez no Roda Viva durante toda a entrevista, principalmente ao prometer enviar um boletim ao jornalista que gostaria de saber as ações realizadas pela ABL. O ato de desmontagem linguística-literária adotado pela escritora, em certos momentos, irrita aos entrevistadores, principalmente, quando ela atribuiu sua candidatura à ABL uma ação política orquestrada por amigos, algo que faltou ao poeta Mário Quintana.

Acredito que as narrativas utilizadas por Rachel de Queiroz, ora ao esquivar-se das perguntas dos jornalistas, ora surpreendê-los com as respostas,

revelam marcas identitárias de uma escritora que não aceita rótulos por ter ido tão longe. E na maioria das vezes, ela surpreende por não se sentir privilegiada com as premiações recebidas ao longo da sua carreira, nem lisonjeada por ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Em todas as situações, a escritora cearense não se deixou aprisionar aos discursos masculinos, ela minimiza a própria prisão, evita comentar as denúncias em relação à morte acidental de Castelo Branco, que havia saído da sua fazenda em Quixadá, com a frase: “Ele era amigo da família, para me envolver num suposto atentado eu teria que ter uma bola de cristal, pelo que sei ele saiu da rota e eu teria que adivinhar...” (QUEIROZ, 1991). Eis a vantagem de ser a grande escritora Rachel de Queiroz, dona de uma escrita livre, leve e solta.

A junção da literatura a semiologia contribui para fomentar a leitura em sala de aula, uma vez que o livro didático, segundo as narrativas de estudantes, não é atraente, os textos literários fragmentados trazem exercícios de interpretação e gramática. Desse modo, os textos são pretextos para buscar outras artes, como aconteceu com o romance *O Quinze*, uma literatura escrita por uma mulher forte, que anulou os dispositivos de poder e aprisionamentos, ao impor estilo próprio.

Sem dúvida, a literatura de Rachel de Queiroz associada a outras artes reverbera signos, quebra correntes, aponta linhas de fugas para escapar do engessamento, seja do discurso machista ou de proposta didática fechada. Isso, porque discutir Rachel de Queiroz é falar também da liberdade discursiva assumida, já que nem as grades de uma prisão conseguiu prendê-la, porque as narrativas são libertárias. Enquanto os jornalistas e escritores esperavam histórias picantes sobre a experiência vivenciada na prisão, Rachel fazia literatura e história numa Roda Viva da desmontagem e provocação: “Prisão? Era férias!” E como a literatura não tira férias, fico por aqui.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Elisabeth Silva de Almeida. **Desmontagem da literatura em educação básica**: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder. Novas Edições Acadêmicas - Omni Scriptum GmbH & Co.KG: Saarbrücken/ Niemcy - Alemanha, 2016.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Trad. Leyla Perrone - Moisés. São Paulo: Cultrix. 2001. Pronunciada em 7 de Jan/ 1997.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução Mário Laranjeira, 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DERRIDA Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992. p 29-87.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. **Narrativas de Rachel de Queiroz**: modos de recontar, modos de (re)inventar-se. revista Diadorim. In: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2010.v7n0a3908>, acesso 30 de janeiro 2021.

PALIMPSESTO: a revista do corpo discente do programa de pós-graduação em Letras da UERJ. O entre-lugar do discurso de Silviano Santiago: uma conversa sobre literatura e cultura com o mestre. Entrevista. número 30, ano 18, 2019, p 17-30. disponível In: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/46706/31236> acesso em 31 de janeiro de 2021.

PEREIRA, Áurea da Silva. As memórias autobiográficas - o lugar das mulheres do Topa na comunidade do Saquinho. In: Pereira, Áurea da Silva. **Letramentos, empoderamentos e aprendizagens**. 2018. p. 25- 84.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. São Paulo: José Olympio, 1930.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze em história em quadrinhos**. roteiro e arte de Shiko. São Paulo: Ática, 2012.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Filme. Jurandir de Oliveira. (direção), Brasil, 2004.

QUEIROZ, Rachel de. Biografia. disponível In: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia> acesso 31 de janeiro de 2021.

RODA VIVA. Rachel de Queiroz, Entrevista. São Paulo: TV Cultura, 1991. disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=zzCoEwnl-Ek&t=1018s>

.SANTOS, Osmar Moreira dos. **A luta desarmada dos subalternos**(online). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SARLO, Beatriz. Tempo passado. In: SARLO, Beatriz. **Tempo passado, cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo:Cia das Letras: Belo Horizonte: UFMG, 2007; p. 9-22

SEIDEL, Roberto Henrique. **A materialidade do texto na contemporaneidade**: deslendo os conceitos de autor, leitor e obra. Comunicação.oral. II Simpósio de desleituradas em série. Jacobina: Universidade do Estado da Bahia, apresentação 17 de maio de 2017.